

Literatura, melancolia e a resistência à ventania hegemônica

Literature, melancholy and resistance to the hegemonic windstorm

Fernanda Barboza de Carvalho Nery¹ 

¹ Universidade Federal de Minas Gerais^{OR}, Pampulha, MG, Brasil

RESUMO

A partir do pensamento que aponta a repetição, ao longo do tempo, das opressões direcionadas a grupos menos favorecidos, nomeadamente a tradição dos oprimidos (BENJAMIN, 2012), este artigo propõe uma reflexão acerca de duas formas de estabelecer uma resistência frente a situações que não se podem tolerar: a melancolia, como forma de expressão própria da humanidade, concebida sob o escopo reativo, enquanto um sentimento inevitável diante das opressões, e a literatura, constituída como um ato de resistência, por sua força política que, em última instância, pode iluminar os caminhos e ajudar à compreensão dos povos que, paulatinamente, o poder hegemônico tentou subjugar.

Palavras-chave: Literatura; Melancolia; Tradição dos oprimidos

ABSTRACT

Based on the thought that points to the repetition, over time, of oppressions directed at less favored groups, namely the tradition of the oppressed (BENJAMIN, 2012), this article pro-poses a reflection on two ways of establishing resistance against to situations that cannot be tolerated: melancholy, as a form of self-expression of humanity, conceived under the reactive scope, as an inevitable feeling in the face of oppression. And literature, constituted as an act of resistance, by its political force which, ultimately, can illuminate the paths and help the un-derstanding of the peoples that, gradually, the hegemonic power tried to subjugate.

Keywords: Literature; Melancholy; Tradition of the oppressed

INTRODUÇÃO

*As lágrimas do caminhante combatente
não são da ordem das dores, são da ordem da raiva.
Respondem com a cólera à cólera da tempestade.
O vento vencido as enxugará.*

Gaston Bachelard

A epígrafe que dá início a este texto trata de uma reflexão proposta por Gaston Bachelard (2013, p. 168), ao longo de *A Água e os Sonhos*, acerca da impossibilidade de restringir o pranto do caminhante combatente à imobilidade da imagem comumente associada à tristeza. Do contrário, as águas incorporadas às lágrimas, muitas vezes, são constitutivas de cólera e impõem sua força frente a situações que não se pode tolerar.

O caminhante de Bachelard (2013) concerne ao Zaratustra nietzscheano, que faz da marcha um verdadeiro combate contra o vento impiedoso, e infinitamente mais forte, onde institui a replicação de seu pensamento, tendo o seu triunfo representado pelo enxugar de suas lágrimas. Recusa-se, enfim, à subjugação do poder que sempre intenciona a passividade dos mais fracos¹.

Inspirado na capacidade de antagonizar o domínio hegemônico, este artigo apresenta uma reflexão acerca da elaboração artística e do sentimento melancólico como formas, por excelência, de resistência frente às forças que impõem subalternizações aos menos favorecidos. Para que seja possível, assim, projetar uma compreensão sobre a posição dos indivíduos diante da recorrência das opressões, na pisada do tempo, configuradas pelo que Walter Benjamin (2012) nomeou de *tradição dos oprimidos*.

¹ “O herói que provoca o vento não aceita o lema do caníço: “Curvo-me e não quebro”, pois esse é um lema passivo, um lema que aconselha esperar, curvar-se diante do poder. Não é o lema ativo do caminhante, pois o caminhante intrépido se curva para a frente, em face do vento, contra o vento. Seu cajado atravessa o furacão, escava a terra, acutila a rajada. Dinamicamente, o caminhante no vento é o inverso do caníço” (BACHELARD, 2013, p. 168, grifo meu).

Primeiramente, parte-se do entendimento de que a melancolia se constitui uma verdadeira ferramenta de expressão reativa dos oprimidos, por demonstrar a inconformidade com o que não se pode tolerar.

Por outra via, devido à característica essencial à literatura, que absorve a realidade e, ao mesmo tempo, a ela reage, estabelece-se uma reflexão acerca da força imperiosa da obra de arte, capaz, em última instância, de manifestar: “o assombroso testemunho da dignidade humana” (CAMUS, p. 352, 1957), ao manter viva a memória que, paulatinamente, os ventos hegemônicos empurraram às ruínas.

TRADIÇÃO DOS OPRIMIDOS

Diante da grandeza presente na ventania hegemônica, que se impõe e ameaça os indivíduos, seria possível enxergar, verdadeiramente, nas ruínas de situações opressivas, as faíscas reativas dos povos oprimidos?

Para pensar sobre essa questão, recorre-se, inevitavelmente, aos escritos de Walter Benjamin (2012) acerca da tradição dos oprimidos. Segundo o autor, vislumbrar os ecos do passado em busca de um maior entendimento a respeito da reincidência das opressões poderia promover um maior entendimento sobre o presente, estancando, enfim, a ilusão, historicamente, construída, de que o “estado de exceção” aparece apenas em alguns momentos da humanidade. Do contrário, a sua ausência é que, na verdade, constitui-se enquanto o desvio da norma.

A tradição dos oprimidos ensina-nos que o “estado de exceção” em que vivemos é a regra. Temos de chegar a um conceito de história que corresponda a essa ideia. Só então se perfilará diante dos nossos olhos, como nossa tarefa, a necessidade de provocar o verdadeiro estado de exceção; e assim a nossa posição na luta contra o fascismo melhorará. A hipótese de ele se afirmar reside em grande parte no fato de os seus opositores o verem como uma norma histórica, em nome do progresso. O espanto por as coisas a que assistimos “ainda” poderem ser assim no século vinte não é um espanto filosófico. Ele não está no início de um

processo de conhecimento, a não ser o de que a ideia de história de onde provém não é sustentável. (BENJAMIN, 2012).

Nesse sentido, a leitura das teses, presentes em *Sobre o conceito da História*, expõe o que há de mais caro e mais visceral à obra benjaminiana: a conclamação à luta contra o autoritarismo que esmaga e esfarela as identidades dos oprimidos. Para fazer justiça à época em que vivemos seria necessário, de modo impreterível, fazer justiça ao passado. A História, então, de acordo com Benjamin, jamais se apresentará de modo coerente e linear.

Ele irá quebrar a linearidade temporal, para obter os fragmentos com os quais construirá imagens que se oferecerão, como alegorias, à interpretação. Essencialmente anti-historicista, a concepção de história das 'Teses' afasta-se de qualquer linearidade evolutiva. Dela estão ausentes as ideias de uma ordem, de um *telos*, de qualquer processo dialético que, apaziguando seu caráter de luta, de confronto permanente, faz da história a canonização do ponto de vista dos vencedores. Na perspectiva dos vencidos, só há caos, catástrofes, rupturas. *As teses têm uma urgência: como construir um conceito de história que corresponda à verdade que, na tradição dos oprimidos, o estado de exceção é a regra geral; um inimigo nomeado: o conformismo da social-democracia; um alvo filosoficamente mais amplo.* (MURICY, 1998, p. 214, grifo meu).

Vislumbrar o passado não significa encará-lo sob a perspectiva de uma estabilidade, algo distante, intocável, imperceptível e impalpável aos indivíduos que compõem o que, convencionalmente, intitula-se tempo presente. Visto que o passado se institui, impreterivelmente, no Agora².

Nesse sentido, olhar para o passado e recorrer aos cacos abandonados dos oprimidos se impõe enquanto uma postura ética por excelência. Afinal, as ruínas de todas as opressões experienciadas pela humanidade não estão submersas em um tempo distante. Estão entre nós, ao alcance de nossos olhos e na complexidade mais inapreensível dos nossos corações.

² "A relação entre hoje e ontem não é unilateral: em um processo eminentemente dialético, o presente ilumina o passado, e o passado iluminado torna-se uma força no presente" (LÖWY, 2005, p. 40).

Ao constatar a urgência do estabelecimento de uma nova postura, em relação aos acontecimentos históricos, Benjamin (2012) intencionou promover conceitos de uma História que se apresentasse de um modo mais justo, expondo a perspectiva dos oprimidos, dos vencidos. Uma História que se recusasse à continuação da redução da memória dos indivíduos impostos à margem.

Ao passo em que manifesta a urgência de um novo conceito de História, Benjamin (2012) não reduz o desafio político persistente nesse ato, sobretudo, ao construir a metáfora do anjo da história que, em uma postura que não permite o estancamento das ruínas do passado, observa os destroços do avassalador *vendaval do progresso* que o empurra sempre para frente, contrariando a sua vontade de salvar todos os oprimidos.

Há um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece preparar-se para se afastar de qualquer coisa que olha fixamente. Tem os olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. *O anjo da história deve ter esse aspecto. Voltou o rosto para o passado. A cadeia de fatos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhas lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já não as consegue fechar. Esse vendaval arrasta-o imparavelmente para o futuro, a que ele volta as costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até o céu. Aquilo a que chamamos o progresso é este vendaval.* (BENJAMIN, 2012, grifo meu).

Apenas a partir da articulação do passado, da busca pelas ruínas, do resgate da História e da memória estilhaçada de todos os indivíduos, seria possível, enfim, promover feixes de esperança capazes de contrapor as ameaças dos ventos hegemônicos.

Articular historicamente o passado não significa reconhecê-lo “tal como ele foi”. Significa apoderarmo-nos de uma recordação (*Erinnerung*) quando ela surge como um clarão num momento de perigo. Ao materialismo histórico interessa-lhe fixar uma imagem do passado tal como ela surge, inesperadamente, ao sujeito histórico no momento do

perigo. O perigo ameaça tanto o corpo da tradição como aqueles que a recebem. Para ambos, esse perigo é um e apenas um: o de nos transformarmos em instrumentos das classes dominantes. Cada época deve tentar sempre arrancar a tradição da esfera do conformismo que se prepara para dominá-la. Pois o Messias não vem apenas como redentor, mas como aquele que superará o Anticristo. *Só terá o dom de atizar no passado a centelha da esperança aquele historiador que tiver apreendido isto: nem os mortos estarão seguros se o inimigo vencer. E esse inimigo nunca deixou de vencer.* (BENJAMIN, 2012, grifo meu).

Dito isso, a fim de construir um pensamento que indique a promoção de uma reação frente ao *inimigo que nunca deixou de vencer*, e para que seja possível preservar a memória dos mortos e, por consequência, dos presentes, faz-se necessário uma elaboração acerca das possibilidades de antagonismo produzidas pelos oprimidos no percurso de sua longa tradição, e apontar, enfim, algumas formas de escape, mesmo que, muitas vezes, intelectual, às frequentes subjugações.

MELANCOLIA E LITERATURA: DAS RESISTÊNCIAS POSSÍVEIS

Dois fortes exemplos de resistência, de contraponto à clausura subjetiva imposta pelas forças hegemônicas, são a melancolia, enquanto modo de demonstrar a impossibilidade de experienciar situações opressivas sob o escopo da naturalidade, e as produções artísticas, capazes de manter viva a memória dos povos³. Diante dessa percepção, importa vislumbrar como a melancolia se estabeleceu ao longo do tempo, sobretudo, no seio da literatura.

Catalogada ao longo dos séculos, a melancolia aparece, desde o princípio, no que se entende como literatura. Ao analisar *Ilíada*, Jean Starobinski (2016) apresenta o despertar melancólico no seio da obra literária. Trata-se do gesto de Belerofonte, que

³ Em *O ato de criação*, Gilles Deleuze (1999) aponta que existem duas formas de produzir uma reação contra-hegemônica. Duas formas tão viscerais que resistiriam até à morte: a luta dos povos e a obra de arte. “O que resiste à morte? Basta contemplar uma estatueta de 3.000 anos antes de Cristo [...] Poderíamos dizer então, de forma mais tosca, do ponto de vista que nos interessa, que a arte é aquilo que resiste, mesmo que não seja a única coisa que resiste. [...] Somente o ato de resistência resiste à morte, seja sob a forma de uma obra de arte, seja sob a forma de uma luta entre os homens” (DELEUZE, 1999, p. 13-14).

com o coração devorado em tristeza, demonstra que a melancolia sempre esteve, inevitavelmente, vinculada aos sentimentos humanos⁴.

Historicamente, à melancolia foram atribuídos inúmeros nomes e significados. Em termos concisos, é possível afirmar, por exemplo, que para Aristóteles, no Problema XXX⁵, a melancolia estaria associada a uma questão de genialidade, o que indicaria, de certo modo, uma descrição positiva. Na Idade Média, sob o título de *acedia*, a sua principal característica concerne a uma espécie de desespero letárgico a respeito dos assuntos divinos e da consciência da irremediável fragilidade humana.

Na contemporaneidade, a melancolia, muitas vezes, e com a ajuda da psicologia moderna, inscreve-se pelo nome de depressão. Para Agamben (2012), “a psicologia moderna esvaziou de tal forma o termo *acedia* do seu significado original, transformando-a em um pecado contra a ética capitalista do trabalho” (AGAMBEN, 2012, p. 25). Entretanto, a remodelação do conceito melancólico e a minimização de seu fenômeno, associado, frequentemente, à preguiça, não configuram o distanciamento temporal das características melancólicas, pelo contrário, “são indícios de uma proximidade tão intolerável a ponto de a devermos camuflar e reprimir” (AGAMBEN, 2012, p. 26), demonstrando, desse modo, a sua persistência ao longo dos séculos.

As muitas formas melancólicas apresentadas, no percurso do tempo, referenciam o seu caráter, por excelência, ambivalente, que ora assume um escopo de características negativas, ora assume características positivas, como, por exemplo, no caso de sua vinculação à genialidade⁶.

⁴ “Objeto de ódio para os deuses, Ele vagava só na planície de Aleia, O coração devorado de tristeza, evitando os vestígios dos homens” (Canto VI, v.200-3). Em *Melancolia*, Luiz Costa Lima (2017), também, recorre ao gesto melancólico de Belerofonte, que remói sua alma em tristeza. Segundo Costa Lima (2017), a partir da leitura de Homero, seria factível perceber que, desde a Antiguidade, a melancolia constitui-se, enquanto uma estrutura primordialmente humana, um modo de habitar o mundo.

⁵ “Por que razão todos os homens que foram excepcionais (perittoi) no que concerne à filosofia, à política, à poesia ou às artes aparecem como sendo melancólicos?” (ARISTÓTELES, Problema XXX).

⁶ Em *Origem do drama barroco alemão*, Walter Benjamin (1984) também destaca a ambivalência melancólica: “Como a melancolia, também Saturno, esse demônio das antíteses, investe a alma, por um lado, com preguiça e apatia, por outro com a força da inteligência e da contemplação” (BENJAMIN, 1984, p. 172).

Diante das variadas possibilidades de conceituação da melancolia, situa-se a proposição de Didi-Huberman (2019), presente no livro *Désirer, désobéir*, que configura a principal envergadura teórica no que tange aos assuntos melancólicos deste artigo. O filósofo francês aponta que os movimentos emancipatórios, direcionados à sobrevivência em situações opressivas, perpassam, inevitavelmente, pela melancólica sensação de perda, de queda, que se apresenta, nesse caso, como o primeiro propulsor político de indignação de um povo.

Não é verdade que perder nos levanta depois que a perda nos derrubou? Deve-se mesmo dizer que a *perda*, que primeiro nos oprime, pode também - pela via de um jogo, de um gesto, de um pensamento, de um desejo - erguer o mundo inteiro. *E essa seria a primeira força das revoltas.* [...] A evidência das revoltas não seria, em primeiro lugar, o do gesto pelo qual recusamos um certo estado - injusto, intolerável - das coisas que nos rodeiam, que nos oprimem? [...] É, provavelmente, o que Walter Benjamin quis designar pela expressão: “organizar o nosso pessimismo”. Frequentemente, começa com os braços levantados: *desespero, indignação, seguidos da cólera*, e então um chamado para “fazer alguma coisa” finalmente. Começa por um clamor, por um grito. (DIDI-HUBERMAN, 2019, p. 9-15, tradução minha, grifo meu)⁷.

Na concepção de Didi-Huberman (2019), o clamor melancólico não se constitui sob o escopo de uma forma passiva, mas como a rejeição aos valores opressivos, como uma força, mediada pelo desespero, que pode promover a mobilização de um povo em direção à insurgência.

Desse modo, a sobrevivência melancólica existente nas obras de arte parece confrontar a erosão da vida concernente à tradição dos oprimidos, assombrados por governos autoritários.

⁷ “N'est-il pas vrai que perdre nous soulève après que la perte nous a terrassés? [...] On devrait même dire que la perte, qui nous accable d'abord, peut aussi - par la grâce d'un jeu, d'un geste, d'une pensée, d'un désir - soulever le monde tout entier. Et telle serait la première force des soulèvements [...] L'évidence des soulèvements ne serait-elle pas, d'abord, celle du geste par lequel nous refusons un certain état - injuste, intolérable - des choses qui nous entourent, qui nous oppriment? [...] C'est probablement ce que Walter Benjamin voulut désigner à travers d'expression: « organiser notre pessimisme ». Cela commence souvent par des bras qui se lèvent: désespoir, indignation puis colère, puis appel à « faire quelque chose », enfin. Cela commence tout aussi bien par une clameur, par un cri” (DIDI-HUBERMAN, 2019, p. 9-15).

Considerar a força política reativa existente na produção artística talvez anuncie o que Albert Camus (1957) tentava confeccionar, ao longo do emblemático discurso no encerramento do Nobel de Literatura de 1957. A força imperativa da obra de arte poderia contrapor situações opressivas que se repetem, na pisada do tempo, como na tradição dos oprimidos benjaminiana, e demonstrar, enfim, o assombroso testemunho da dignidade humana.

E a arte [...] une o que quer que a tirania separe. Não é de se surpreender, então, que a arte seja o inimigo marcado de toda forma de opressão. Não é de se surpreender que artistas e intelectuais tenham sido as primeiras vítimas das tiranias modernas da esquerda e da direita. Os tiranos sabem que na obra de arte há uma força emancipatória, uma força misteriosa apenas para aqueles que não a reverenciam. Cada grande obra torna a face humana mais admirável e rica, e esse é todo o seu segredo. Milhares de campos de concentração e celas não são suficientes o bastante para esconder esse assombroso testemunho de dignidade. Se pudermos, com tal visão, preservar a memória dos dias e dos rostos, e se, por outro lado, face à beleza do mundo, nós conseguiremos não nos esquecer dos humilhados, então a arte ocidental irá gradualmente reencontrar sua força e sua soberania. (CAMUS, 1957, p. 352-353).

A literatura emerge como elemento capaz de confeccionar centelhas que auxiliem à compreensão da experiência vivida, muitas vezes, a partir do passado, e indicar, no cerne de sua produção, proposições de resistência em relação a tempos intoleráveis.

Nesse sentido, ao longo de *Questão de ênfase*, Susan Sontag (2020) tece uma sensível reflexão acerca da literatura enquanto uma forma, por excelência, *de sermos plenamente humanos*, por carregar a nossa história e a nossa memória.

Você disse que devemos à literatura quase tudo o que somos e fomos. Se os livros desaparecerem, desaparecerá a história e também os seres humanos. Tenho certeza de que você está certo. Os livros não são apenas a soma arbitrária de nossos sonhos e memórias. Eles também nos dão o modelo da autotranscendência. Alguns pensam que a leitura é apenas uma forma de escapismo: uma fuga do mundo “real” cotidiano

para um mundo imaginário, o mundo dos livros. Mas os livros são muito mais. São um modo de sermos plenamente humanos. (SONTAG, 2020).

Isto posto, conceber a literatura e a melancolia enquanto práticas de resistência significa, também, perceber a sobrevivência como elemento, impreterivelmente, humano, revelado, naturalmente, sob o escopo da inconformidade persistente na figura do caminhante combatente que, aos prantos, manifesta a sua cólera, e da produção artística de um povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a tradição dos oprimidos como uma armadilha histórica, construída pelo pensamento hegemônico, que tem tentado subalternizar e afogar a memória dos povos vencidos, ajuda a perceber novas perspectivas acerca do estabelecimento das resistências dos povos que estão à margem.

A melancolia pode se constituir, no âmbito dos oprimidos, enquanto uma forma de questionar a realidade e preservar a integridade humana, ao demonstrar, enfim, que os povos oprimidos, mesmo diante das repetidas subjugações, estão vivos, por sua capacidade inventiva que resiste, também, no cerne da produção artística.

O pesar pelo momento na História funciona, assim, como uma anunciação para todos aqueles que sentem a mesma dor, o que pode causar, em última instância, o sentimento de insurgência. A melancolia, desse modo, não é reativa apenas na esfera individual, mas coletiva porque está articulada, também, com as ressonâncias do passado.

Nessa esteira, pensar a arte como um ato libertário, capaz fabricar espaços de reativos frente à realidade da cultura mortífera do vendaval autoritário, pode ajudar a construir, através de seu poder criativo, uma relutância ao presente.

Afinal, frente à magnitude das luzes do poder hegemônico, que esfolam o nosso olhar com imagens construídas sob a égide da opressão, é necessário vislumbrar as

faíscas reativas que afirmam a vida, ao promoverem através da melancolia dos povos, e de objetos artísticos, a recusa à vulgarização de situações opressivas, anunciando, enfim, possibilidades de questionar as referidas situações.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Estâncias**: a palavra e o fantasma na cultura ocidental. Trad. Selvino José Assmann. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ARISTÓTELES. **O Homem de gênio e a melancolia**. Trad. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Editora Lacerda, 1998.

BACHELARD, G. **A Água e os Sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura, vol. 1. Trad. Sergio Paulo Rouanet e Jeanne Marie Gagnebin. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. **O anjo da História**. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. E-book.

BENJAMIN, W. **Origem do drama barroco alemão**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CAMUS, A. **O artista e seu tempo**. Trad. Lidia Rogatto. *Lettres françaises*, São Paulo, n. 14, v. 2, 2013. Disponível em: www.periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/6240/5173. Acesso em: 18 jan. 2022.

DELEUZE, G. **O ato de criação**. Palestra proferida em Paris em 1987, Edição brasileira: Folha de São Paulo, 27 jun. 1999. Disponível em: https://lapea.furg.br/images/stories/Oficina_de_video/o%20ato%20de%20criao%20-%20gilles%20deleuze.pdf. Acesso em: 15 jan. 2022.

DIDI-HUBERMAN, G. **Désirer désobéir**: Ce qui nous soulève, 1. Paris: Les Editions de Minuit, 2019.

LÖWY, M. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio. Uma leitura das teses 'Sobre o conceito de História'. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant; Trad. das Teses Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 33-146. Disponível em: https://www.academia.edu/7316859/Walter_Benjamin_aviso_de_incendio.pdf. Acesso em: 22 jan. 2022.

MURICY, K. Imagens dialéticas. *In: Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin*. 1. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998, p. 213-234.

SONTAG, S. *Questão de ênfase*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. E-book.

Contribuição de autoria

1 –Fernanda Barboza de Carvalho Nery

Universidade Federal de Minas Gerais, Pampulha, MG

<https://orcid.org/0000-0003-2423-3151> • fernandabcnery@gmail.com

Contribuição: Autor

Como citar este artigo

NERY, F. B. de C. Literatura, melancolia e a resistência à ventania hegemônica. **Revista Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, v. 41, e70792, p. 1-11, 2023. DOI 10.5902/1679849X70792. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1679849X70792>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.